

CORPO DE DELITO

De boas intenções... está a Libéria cheia

Há algo ainda mais eficaz do que a estatística para mascarar a tragédia e a hipocrisia: a mitificação



Rui Patrício

A História costuma pintar a Libéria – à semelhança de outros equívocos – com as cores sadias dos bons propósitos e com os tons alegres da liberdade, da igualdade e da fraternidade. Porém, como em todas as pinturas, por detrás das camadas visíveis de tinta existem outras camadas, que escapam muitas vezes a um primeiro olhar ou até mesmo a todos os olhares. Na origem da criação da Libéria, no século XIX, estiveram grupos norte-americanos que incitavam os escravos negros entretanto libertos a regressar a África e a criar aí um país, autogovernando-se. Houve alguns altruístas genuinamente empenhados em que tivessem uma vida

melhor, quer dentro quer fora do maior grupo que esteve por detrás do embarque, a American Colonization Society. Mas outros, inclusive alguns que apoiavam activamente a escravatura, viam com bons olhos este regresso a África, não como forma de eliminar a escravatura, mas de reforçá-la. Nessa altura, os EUA contavam com mais de dois milhões de escravos negros, mas havia também uma legião crescente, por volta de meio milhão, de “homens livres” (antigos escravos), principalmente vivendo nos Estados do norte. Os brancos proprietários de escravos viam-nos como uma ameaça e apoiavam o projecto do seu “regresso” a África como uma forma de se verem livres deles e, também, de étnica e socialmente limpar o país. James Monroe – o presidente norte-americano que (ironias) deu o nome à capital da Libéria, Monróvia – chamava aos negros libertos uma classe de pessoas perigosas.

Mas não foi só no local de embarque que este aparentemente puro projecto ficou marcado pela ambiguidade e pelo oportu-

nismo, pois também no local da chegada as coisas ficaram longe da pureza. Aliás, raramente a pureza anda associada a empreendimentos humanos – sejam eles de manter as coisas como estão, sejam de aggiornamento ou de mudança radical. Na verdade, na Libéria, não só várias vezes o governo compactuou com o comércio negro, inclusive já no século XX (Gra-

ham Greene, aliás, viajou pela Libéria em 1935, em parte, para o averiguar), como também até à década de oitenta desse século o país foi governado e dominado pelos descendentes dos “libertos” que emigraram dos EUA (os americano-liberianos), estando os autóctones e os seus descendentes sempre numa situação de subalternidade, a tal ponto que os ressentimentos causados por isso foram uma das principais causas da guerra que devastou a Libéria durante mais de duas décadas, e cujos efeitos ainda perduram.

Para Estaline – esse campeão da teoria e da prática dos direitos humanos –, o tempo ou a quantidade convertiam a tragédia em estatística. Mas há algo ainda mais eficaz do que a estatística para mascarar a tragédia e a hipocrisia: a mitificação, especialmente aquela que é feita com base em análises superficiais, em análises preguiçosas e/ou no encanto dos ditos sonantes e das frases redondas. Ontem como hoje, mitificar (projectos, instituições ou pessoas) abre sempre caminho para o abismo.

Na criação da Libéria, no século XIX, estiveram grupos norte-americanos que incitavam escravos a criar um país



Até à década de 80, o país foi governado e dominado por descendentes dos “libertos” vindos dos EUA

LUC GNAGO/REUTERS